

PANOS DE PAREDE COMO OBJETOS DA CULTURA CAMPONESA POMERANA: UM ESTUDO NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

WALL CLOTHS AS OBJECTS FROM THE POMERANIAN PEASANT CULTURE: A STUDY IN THE SOUTH OF RIO GRANDE DO SUL

Vania Grim Thies¹

Renata Menasche²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os panos de parede como objetos materiais e simbólicos representativos de grupos camponeses de origem pomerana. Para isso, o olhar foi conduzido aos panos de parede produzidos por mulheres pomeranas da localidade de Nova Gonçalves, no interior do município de Canguçu, Rio Grande do Sul. A pesquisa teve como ponto de partida o trabalho pedagógico realizado junto a turmas de ensino fundamental na Escola Municipal Carlos Soares da Silveira, seguido de visitas às casas de algumas famílias, na busca por panos de parede presentes nas narrativas das mulheres, e para análise das imagens contidas nesses objetos. A pesquisa é construída em interlocução entre as áreas de educação e antropologia, tendo os panos de parede inseridos entre os aspectos da vida social e cultural do grupo analisado, constituindo uma forma de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Panos de Parede; Pomeranos; Campesinato; Imigração.

1 Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação/FaE/UFPel. Coordenadora adjunta do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES).

2 Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS, 2003), tendo realizado estágio doutoral junto ao Laboratoire d'Anthropologie Sociale da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, 2001). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ, 1996). Professora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), vinculada ao Departamento de Antropologia e Arqueologia. Professora do Curso de Bacharelado em Antropologia da UFPel e pesquisadora do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFPel) e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Investigadora associada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL, 2018) e à Facultad de Ciencias Políticas y Sociología da UNED (Madrid, 2022). Conselheira do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA, de 2014 até sua extinção, em 2019, e a partir de sua reinstalação, em 2023). Bolsista PQ2/CNPq (desde 2016). Editora da Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia (2019 a 2023). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura (GEPAC - <https://www.ufrgs.br/gepac/>).

ABSTRACT

This paper aims to highlight wall cloths as material and symbolic objects that represent Pomeranian peasant groups. Thus, the focus was on the wall cloths made by Pomeranian women from the locality of Nova Gonçalves, in the countryside of the town of Canguçu, Rio Grande do Sul. The study began with the pedagogical work carried out with elementary school classes at the municipal school Carlos Soares da Silveira, followed by visits to some families' homes, in search of wall cloths embedded in the women's narratives and to analyze the images in these objects. The study is built through dialogue between the fields of education and anthropology, in which the wall cloths are within aspects of the social and cultural life of the analyzed group, constituting a way of being and existing in the world.

Keywords: Wall cloths; Pomeranians; Peasantry; Immigration.

INTRODUÇÃO

O presente artigo expressa um esforço de diálogo entre duas áreas, educação e antropologia, buscando problematizar os panos de parede como artefatos materiais da cultura pomerana³, na manifestação de uma determinada “arte de fazer” (CERTEAU, 2008), constitutiva de um modo de ser e de estar no mundo⁴. Trata-se de panos de parede produzidos por mulheres pomeranas da localidade de Nova Gonçalves, no interior do município de Canguçu, na região da Serra dos Tapes⁵, Rio Grande do Sul. É esse o contexto em que estão inseridos os panos a serem trazidos para reflexão neste artigo.

No sul do Brasil, os primeiros imigrantes pomeranos chegaram a

3 Devido à conservação de tradições e costumes próprios, os pomeranos são considerados população tradicional, sendo reconhecidos como tais pelo Decreto nº 6.040, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT (BRASIL, 2007).

4 O interesse das autoras pelo assunto está inserido em estudos sobre camponeses pomeranos, conduzidos há bastante tempo, na região, sendo que, especificamente em relação aos panos de parede, orientaram trabalhos de iniciação científica na temática, tais como de Paula e Menasche (2014), e Gonçalves e Sell (2021). Vale também mencionar que, ainda que no sul do Brasil o termo êmico corrente usado para designar as famílias rurais descendentes de imigrantes europeus seja *colonos*, optamos, neste artigo, por designá-los a partir da categoria analítica, mais ampla, *camponeses*, entendendo-a como associada à *campesinidade* proposta por Klaas Woortmann (1990), qualidade daqueles para quem a relação com os elementos terra, trabalho e família conforma uma ordem moral própria. Para um entendimento sobre quem são os *colonos*, recomendamos os trabalhos de Giralda Seyferth (ver: SEYFERTH, 1992).

5 A Serra dos Tapes é a região do Rio Grande do Sul que está distribuída entre os municípios de São Lourenço do Sul, Turuçu, Pelotas, Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão e Morro Redondo. É composta por uma diversidade de grupos étnicos, fruto dos processos de imigração – com a vinda de italianos, franceses, alemães, pomeranos – que aconteceram ao longo do século XIX. É também importante ressaltar a presença, na região, de afrodescendentes, indígenas e luso brasileiros (CERQUEIRA, 2011; SALAMONI, WASKIEWICZ, 2013).

São Lourenço do Sul em 1858, instalando-se, primeiramente, em regiões rurais. Sua vinda foi associada a um investimento privado de colonização por Jacob Rheingantz. Na época da imigração, a região europeia conhecida como Pomerânia, situada junto ao Mar Báltico, era uma província da Prússia, que, em 1871, com a união dos estados alemães, passou a fazer parte do Império Alemão⁶. Até o ano de 1945, a Pomerânia estava dividida entre Pomerânia Ocidental e Oriental. Com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, a parte oriental deste território foi anexada à Polônia, e a ocidental à Alemanha, fazendo com que a Pomerânia como tal desaparecesse do mapa da Europa.

Os pomeranos são considerados um grupo étnico com características próprias e peculiares, mantendo língua e costumes diferenciados de outros grupos étnicos alemães (WEIDUSCHADT; TAMBARA, 2014). É nesse quadro que a região aqui estudada conserva muitas tradições na língua falada, na culinária, no artesanato e nos demais costumes associados ao cultivo da terra.

Dependendo do que estava escrito nele, o pano de parede costumava ser exposto na cozinha, atrás do fogão a lenha, ou na sala da casa como enfeite. Outro uso do pano era no dia do casamento, como objeto de decoração. Esses artefatos foram bastante utilizados na primeira metade do século XX, e ainda depois, quando os recursos financeiros para a casa eram escassos entre os descendentes de imigrantes, aproveitavam sacos de tecido de algodão nos quais a farinha e/ou o açúcar comprados eram embalados a granel para a produção dos panos. Em um estudo sobre panos de parede realizado entre imigrantes italianos, Favaro⁷ (2011, p. 152) afirma que, nesse contexto, são:

[F]undamentalmente peças de valor utilitário, expostas nas paredes de casas simples, geralmente atrás dos fogões a lenha – mas visíveis de todos os ângulos do aposento da casa, destinado a reunir diariamente a família para as refeições. Na sua concepção mais simples, é uma espécie de mural, um estandarte, um suporte de tecido (algodão cru ou linho rústico), geralmente bordado com inscrições (invocações a Jesus, a Maria, a Deus ou algum santo da Igreja Católica, por exemplo, “Deus abençoe este lar”), com frases de efeito

6 Para saber mais sobre esse contexto, ver, entre outros: Salamoni (1996); Weiduschadt (2012); Weiduschadt & Tambara (2014); Thum (2010), Krone (2014).

7 O trabalho de Favaro (2010 e 2011) trata de panos de parede estudados na principal região de imigração italiana no Rio Grande do Sul, trazendo contribuições para pensar sobre os panos de parede encontrados entre imigrantes pomeranos, na região da Serra dos Tapes.

(“Nada no mundo vale o meu lar”) ou com expressões de sociabilidade (“Bom Dia”). No seu entorno, uma profusão de folhas, flores, frutos, pássaros (FAVARO, 2011, p. 152).

De maneira semelhante, em pesquisa realizada com mulheres teuto-brasileiras em uma localidade próxima à Serra dos Tapes, Hepp (2002) descreve o processo de fabricação e os usos dos panos de parede:

Os sacos de algodão, depois de lavados coarados, eram emendados uns aos outros, transformando-se em lençóis, ou ainda, sofriam alguma adaptação para produção de toalhas, cortinas e guardanapos. Esses mesmos sacos de algodão eram transformados, pela mulher teuta, em panos de parede, onde com muita criatividade bordavam lições de moral, de religião, sociais e éticas (HEPP, 2002, p. 44).

Trata-se, portanto, de um saber artesanal duplo: o de transformar o saco em pano branco que pudesse ser marcado com o risco de um molde, e posteriormente, o de fazer o bordado, para que o pano viesse a ser utilizado como objeto decorativo na casa. Na cultura germânica, segundo Rockenback e Flores (2004, p. 59), esses panos também são conhecidos como *wandschoner* ou panos de cozinha, sendo ainda nomeados como “espécie de estandartes pacientemente bordados com figuras e inscrições e pendurados nas paredes das cozinhas coloniais, na sala de visitas ou na intimidade dos quartos de dormir” (Favaro, 2010, p. 793). No que se refere às mensagens neles contidas, esses autores apontam que “pendurados atrás do fogão e pelas paredes da cozinha e da sala, esses dizeres ajudavam a nortear a vida e a educar os filhos”. Nas palavras de Favaro (2011, p. 152), “era na cozinha que se produzia a ‘alquimia’ transformadora da produção da ‘colônia’ em alimento, em energia e em espaço para a troca de informações, de ideias, e, por que não, de acaloradas discussões”. Esse espaço da casa era – e ainda é – revelador daquilo que é produzido pelo trabalho da família camponesa, na medida em que, ao ser trazido para a mesa, além de proporcionar a partilha, o alimento dá visibilidade àquilo que a colônia produz, constituindo também o sentido da fartura.

Os panos de parede bordados apenas com imagens (frutas, ramos, flores, objetos de cozinha ou representações da vida rural) ou com imagens e frases – em português ou na língua original dos imigrantes – remetem a uma iconografia bastante presente na vida dos grupos étnicos, em especial dos pomeranos. Tressmann (2012) afirma que a arte iconográfica carrega informações de ordem ética e filosófica amplas, manifestando “de forma clara um estilo próprio do povo pomerano, na medida em que, por intermé-

dio da arte, reafirmam sua herança cultural, e contribuem para o fortalecimento de sua identidade étnica” (Tressmann, 2012, n. p).

Atualmente, os panos de parede já não são usados com as mesmas funções de anos atrás. Foram muitas as adaptações, e, em muitos casos, já não são bordados com linhas, mas pintados com tinta; também são encontrados panos bordados com linha em ponto cruz. A pintura das paredes da casa, bem como a presença de azulejos na cozinha, atrás do fogão a lenha, foram algumas das mudanças apontadas pelas interlocutoras da pesquisa como elementos que colaboraram para a extinção do objeto estandarte, antes comumente visível em paredes de casas pomeranas. Ainda, a ascensão da industrialização e a correspondente maior disponibilidade de objetos decorativos prontos estão, em boa medida, entre as razões da substituição dos trabalhos manuais na decoração das casas.

No entanto, os panos antigos permanecem guardados em muitos baús e gavetas de casas pomeranas, contribuindo para a preservação do modo social e cultural de vida do grupo. Mantêm-se também na memória dos camponeses da região estudada. Mas por que um objeto que já não é utilizado permanece guardado? Em que medida os objetos materiais têm uma vida social que age na constituição das pessoas que se relacionaram/ relacionam com eles? A que relações simbólicas correspondem os panos de paredes, como objetos materiais, na lembrança das pessoas deste grupo social?

Partindo de tais questionamentos, a reflexão aqui proposta visa problematizar a cultura desses camponeses pomeranos a partir dos panos de parede, observando como esses sujeitos se colocam no mundo e como se produzem com os objetos materiais presentes em sua cultura. Cabe ressaltar que a cultura é dinâmica, e transformações ocorreram entre os descendentes do grupo estudado. No entanto, mesmo com essas mudanças e novas possibilidades de utilização dos panos de parede, como por exemplo a presença de objetos decorativos adquiridos, o pano de parede, como objeto cultural, permanece guardado por muitas famílias na região estudada. Ainda que já não seja visualizado atrás do fogão ou nos dias de casamento, está guardado como símbolo da história e da cultura migratória, associado aos desejos e ao trabalho na nova terra. Esse modo de guardar tais artefatos é uma das formas de manter presente a lembrança da gênese do contexto da imigração e da identidade do grupo étnico pomerano. Nesse quadro, apresentaremos os panos de parede, descrevendo parte da pesquisa realizada para, posteriormente, refletir sobre os modos de vida camponeses relacionados a esses objetos materiais de sua cultura. Desse modo, as reflexões do tempo presente são aqui percebidas como conectadas ao tempo passado;

afinal, são “as formas de experiências do tempo, aqui e lá, hoje e ontem, maneiras de ser no tempo” (Hartog, 2006, p. 263).

1 PRODUZINDO O MOLDE E PUXANDO OS PRIMEIROS FIOS

O contato para o estudo ocorreu primeiramente por meio da Escola Municipal Carlos Soares da Silveira, localizada na comunidade de Nova Gonçalves, no município gaúcho de Canguçu. A região da Serra dos Tapes já foi objeto de pesquisas anteriores⁸, o que facilitou o contato com a escola e com membros da comunidade. A pesquisa de campo foi realizada em dois momentos:

a) Inicialmente, houve uma discussão sobre o tema com as professoras na escola, seguida de atividades conduzidas pelas docentes com os estudantes;

b) Em um segundo momento, com a indicação de famílias locais pelas professoras da escola, as pesquisadoras realizaram conversas com membros da comunidade, especialmente mulheres pomeranas.

Há mais de 15 anos, essa escola vem trabalhando em seu currículo com a temática da cultura local, com ênfase nos costumes pomeranos e alemães. Na parte diversificada do currículo, destinada ao trabalho com manifestações culturais, sociais, econômicas e regionais de acordo com as comunidades de pertencimento, a escola, em negociação com a Secretaria Municipal de Educação do município, criou uma disciplina específica para o trabalho com o 9º ano escolar, abordando questões da tradição pomerana e alemã. Essa disciplina foi nomeada História, Memória e Sustentabilidade Pomerana e Alemã (HMSPA)⁹, oferecendo atividades nas quais são realizadas pesquisas junto às famílias da comunidade por meio de questionários, entrevistas e rodas de diálogo.

Por solicitação da professora responsável pela disciplina, elaboramos, no ano de 2016, um material didático sobre a temática dos panos de parede para ser trabalhado com as turmas da escola. O material era constituído por um pequeno texto explicativo sobre os panos e duas imagens fotográficas mostrando tais artefatos. A proposta de atividade foi denominada pelas professoras da escola como “releitura dos panos de parede”, con-

8 Vale mencionar, particularmente, a agenda de pesquisas *Saberes e Sabores da Colônia* (ver: MENASCHE, 2015).

9 Esta disciplina é ministrada pela professora Patrícia Griep Kern, para estudantes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Agradecemos à professora e às demais pessoas da gestão escolar, bem como à comunidade local, pela disponibilidade, pelo auxílio e pela indicação de famílias para a pesquisa.

sistindo em buscar, junto às famílias da comunidade, outros exemplos de panos de parede, investigando aspectos como: quem bordou, quais os materiais utilizados, qual o significado das escritas (se em língua alemã¹⁰) e em qual local da casa costumavam estar em exposição (na cozinha, na sala ou no quarto). Os alunos buscavam, na casa pesquisada, maiores informações acerca da produção do pano, de maneira que essas informações pudessem também constar no registro referente ao pano encontrado.

Além disso, após aprender um pouco mais sobre os panos, os estudantes deveriam escolher um deles para realizar a atividade denominada “releitura”, ou seja, produzir um desenho inspirado no pano de parede escolhido. Apresentamos a seguir (Figura 1) um exemplo dessa atividade realizada por um dos estudantes. A ação de produção e desenvolvimento dessa atividade caracterizou-se, assim, como um trabalho de ensino, pesquisa e extensão universitária na região, articulada a uma agenda de pesquisa mais ampla denominada “Saberes e Sabores da Colônia”, desenvolvida na Universidade Federal de Pelotas e conduzida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura (GEPAC). Este contexto inclui a elaboração de uma série de produtos, como ensaios fotográficos, incluindo um sob o título “Panos de Parede: Objetos da Cultura Pomerana” (THIES; FONSECA; MENASCHE, 2016), que apresenta imagens coletadas no trabalho descrito neste artigo.¹¹

Além dos panos de parede, a escola também coletou junto às famílias os riscos dos bordados, que as mulheres chamam de “moldes” para os desenhos nos panos de parede. Muitos desenhos eram comuns a mais de uma família. Inferimos que os riscos eram transmitidos entre as mulheres ao longo de diferentes gerações de uma família e provavelmente eram trocados entre mulheres da comunidade.

Como mencionado, a etapa seguinte da pesquisa consistiu em agendar visitas às famílias, a partir de indicações e com o auxílio da escola. As

10 Nos panos de parede encontramos as escritas em português ou em alemão, pois a língua escrita utilizada no contexto de imigração foi a alemã, já que o pomerano era uma língua apenas oral. A escrita da língua pomerana é recente, e é nos anos 2000 que começam os estudos no estado do Espírito Santo, a partir do Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO). Segundo Tressmann (2012, n. p) o pomerano é língua baixo-saxônica (das terras baixas), e descende do antigo saxão, assim como o westfaliano e o inglês (língua anglo-saxônica). Atualmente, é considerada uma língua brasileira de imigração. É possível saber mais sobre a língua pomerana no Brasil nos estudos de Morello & Silveira (2022).

11 O ensaio fotográfico referente aos panos de parede pode ser acessado no link https://wp.ufpel.edu.br/saberesesaboresdacolonias/files/2017/11/12_PANOS.jpg, sendo que demais ensaios fotográficos, outros produtos imagéticos e escritos resultantes da agenda “Saberes e Sabores da Colônia” estão disponibilizados no site <https://wp.ufpel.edu.br/saberesesaboresdacolonias/> e no site do GEPAC (<https://www.ufrgs.br/gepac/>).

conversas com as mulheres ocorriam na sala ou na cozinha, geralmente na presença de outros membros da família. Em relação aos métodos de produção, moldes, locais de aquisição de materiais e uso dos panos, as informações coletadas foram bastante semelhantes durante as várias visitas realizadas. Vale ressaltar que, mesmo quando os homens estavam presentes nas conversas sobre os panos de parede, não eram eles os protagonistas da interação: as vozes ouvidas eram das mulheres.

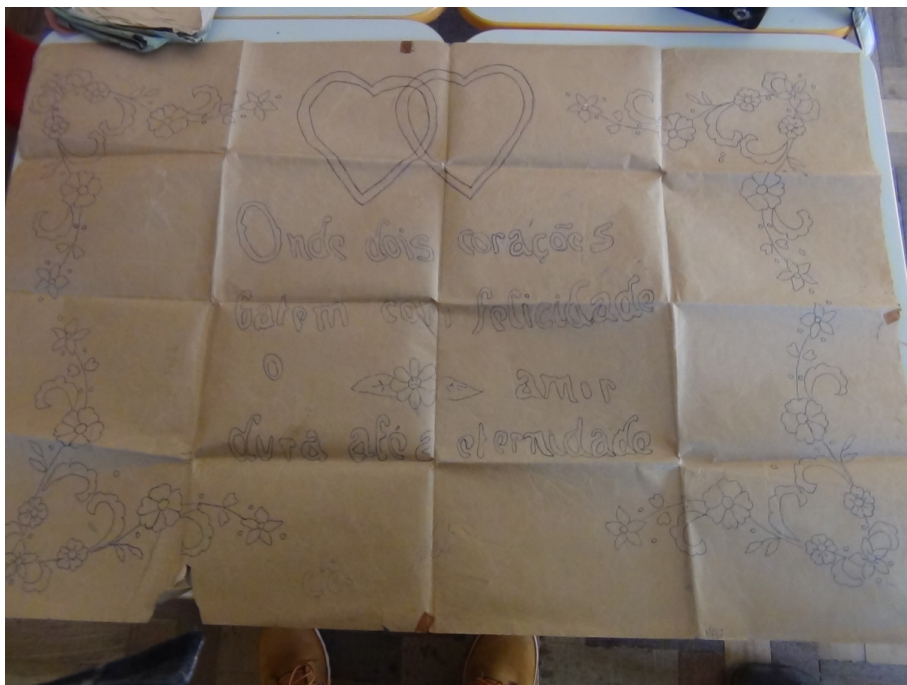
Entre as interlocutoras, conversamos com uma das avós dos estudantes da escola, uma senhora participativa nas atividades escolares e mencionada pelas professoras. Em sua narrativa, ela relatou como se dava na família a troca de moldes:

Eu sou natural de São Lourenço do Sul, então se eu ia lá de visita nos parentes, nos vizinhos onde meus pais moravam, então eu já trazia de lá, que era uma coisa diferente do que aqui, né? (Helga Wendler Blödorn, 2016).

Este depoimento é ilustrativo da circulação desses objetos também entre diferentes localidades, como, no caso, entre dois municípios distintos: Canguçu e São Lourenço do Sul. Vale mencionar que trocas de objetos, sementes, alimentos, etc., são constitutivas das relações de reciprocidade próprias à sociabilidade da vida camponesa¹². É nesse quadro que interpretamos a circulação — entre integrantes de uma mesma família ou entre mulheres de dada localidade, não ligadas por laços de parentesco — de conhecimentos e artefatos associados às práticas referentes à elaboração dos panos de parede pelas mulheres pomeranas, no contexto desta pesquisa. Para ilustrar o que foi dito, temos a Figura 1, representativa de um molde bastante comum entre os panos encontrados.

12 A esse respeito, ver, entre outros, Charão Marques et al. (2007).

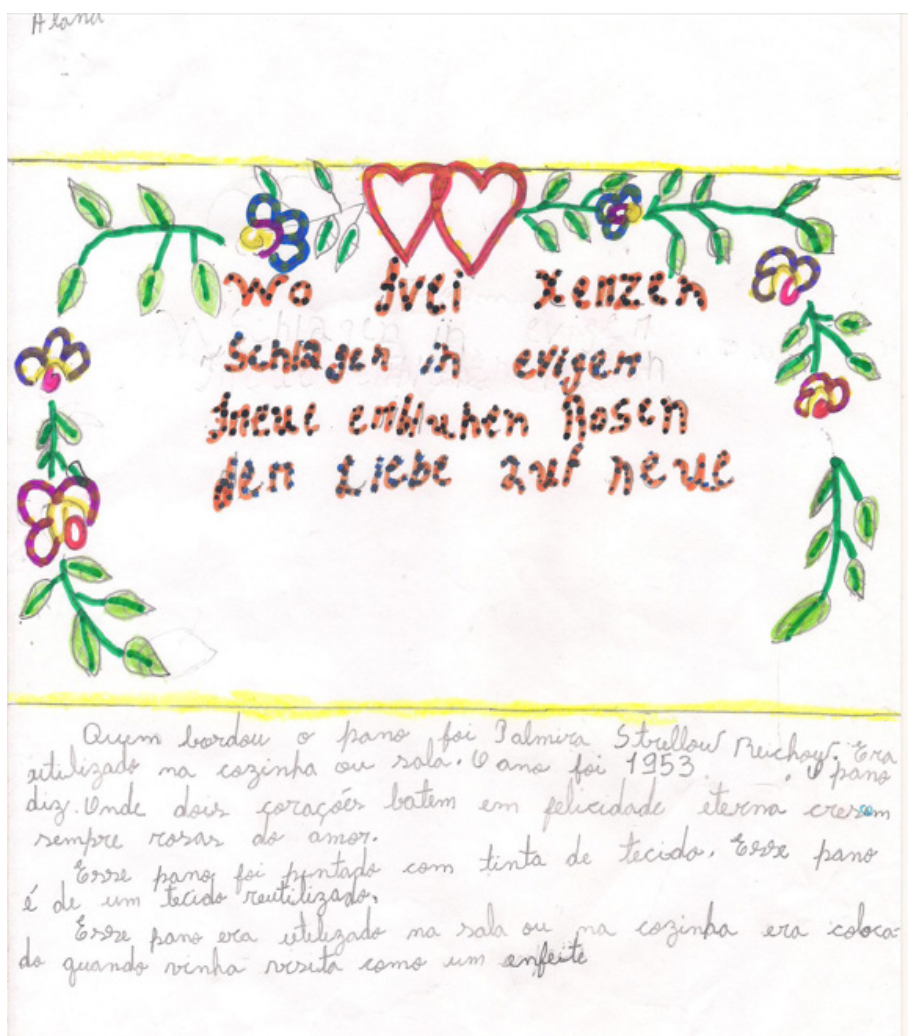
Figura 1: Fotografia de molde para pano de parede.



Fonte: Acervo imagético da pesquisa. Autoria: Vania Grim Thies (2016).

Conforme é possível verificar na fotografia reproduzida acima, o dizer contido no molde está escrito em língua portuguesa: “*Onde dois corações batem em felicidade, o amor dura até a eternidade*”. O pano com esta inscrição específica, bordada em meio às flores do campo, era comumente utilizado como fundo em fotografias em dia de casamento, afirmando perante os presentes o amor entre os noivos. As flores e os elementos da natureza estão comumente presentes nos bordados dos panos, fazendo referência ao trabalho das famílias nas colônias. Além disso, as mulheres pomeranas sempre dedicaram tempo ao cuidado de jardins no entorno das casas; assim, a presença das flores no bordado destinado a embelezar o cenário do casamento é também um indicativo de que a mulher seguiria com os cuidados de um jardim na nova casa.

No trabalho denominado de releitura dos panos, realizado com estudantes da escola, encontramos desenhos com flores e ramos verdes, e texto semelhante ao anteriormente mencionado, porém em variação na língua alemã, como pode ser verificado na Figura 2.

Figura 2¹³: Trabalho escolar com os panos de parede (9º Ano – 2016).

Fonte: Acervo imagético da pesquisa. Autoria: Vania Grim Thies (2016).

Com dizeres semelhantes aos contidos nas imagens acima (Figuras 1 e 2), encontramos outro pano de parede também utilizado em dias de casamento. Neste pano (Figura 3), em que não há bordado de corações, vê-se escrito em língua alemã: *Zusammenhalten in Freud und Leid bringt Glück*

13 Explicação escrita pela estudante: “Quem bordou o pano foi Palmira Strellow Reichow. Era utilizado na cozinha ou sala. O ano foi 1953. O pano diz: Onde dois corações batem em felicidade eterna crescem sempre rosas do amor. Esse pano foi pintado com tinta de tecido. Esse pano é de um tecido reutilizado. Esse pano era utilizado na sala ou na cozinha, era colocado quando vinha visita, como um enfeite”.

und Frieden allezeit, que, em tradução para o português, significa: *Ficar unido (aguentar firme) na alegria e no sofrimento traz felicidade e paz para sempre*.

Figura 3: Fotografia de pano de parede utilizado em dias de casamento.



Fonte: Acervo imagético da pesquisa. Autoria: Vania Grim Thies (2016).

Mais uma vez, a narrativa da senhora Helga aponta às reflexões:

Esse pano, eu fiz quando nós casamos. [...] o pano ficava pendurado atrás, no dia do casamento, na parede, alto assim [...] aí os noivos se paravam na frente, e na frente a gente fazia uma arca com papel crepom com flores, com fitas e coisas, enfeite (Helga Wendler Blödorn, 2016).

Dona Helga casou-se em 1964, um mês antes de completar dezessete anos. É importante ressaltar que os panos de parede eram confeccionados também de acordo com os recursos financeiros disponíveis pelas famílias, ou seja, poderiam ser confeccionados com o aproveitamento de sacos de algodão ou, caso possível, com tecidos comprados, sendo então utilizados morim, etamine ou outro. Para o caso que se apresenta (Figura 3), verifica-

-se que o artefato passou por adaptação do tecido, do morim, também muito utilizado para os panos, substituído por etamine. Além disso, também o tipo de bordado presente na figura é outro, feito em ponto cruz.

O amor vence tudo é outra inscrição comumente presente em panos de parede encontrados, e que eram empregados como cenário de fotografias, em dia de casamento. Há variações nas inscrições e nas iconografias, mas observa-se sempre certa moralidade para a vida do casal inscrita no bordado, anunciando que, ainda que a vida conjugal seja difícil, é preciso vencer com o amor, aguentar firme, entre outras orientações presentes nos bordados. Tal aspecto moral presente no bordado remete ao desejo de construir vida nova, com a chegada dos imigrantes ao sul do Brasil. Mesmo com uma distância temporal e com modificações entre o período da chegada desses primeiros imigrantes na região da Serra dos Tapes (1858) até o período em que os panos em análise foram confeccionados e utilizados (segunda metade do século XX), as questões da tradição do trabalho com a terra, da escassez de recursos financeiros ou os aspectos morais permanecem presentes, ou seja, mesmo com dificuldades, é preciso vencer com amor, aguentar firme.

2 ENLAÇANDO OS PONTOS DO BORDADO

Tal como no estudo de Gonçalves (2007, p. 15), também a partir dos panos de parede bordados pelas mulheres pomeranas é possível acompanhar e “entender a dinâmica da vida social”. Assim, importa saber um pouco mais sobre a dinâmica da vida das mulheres camponesas que sempre dividiram o tempo entre os trabalhos da casa, o trato com os animais e a lavoura, e que tinham no bordado um dos elementos constitutivos da preparação para o casamento, a produção das peças de enxoval.

Nas comunidades camponesas de imigração europeia, a produção do enxoval pelas mulheres era componente das estratégias de reprodução social do campesinato, contribuindo para a indivisibilidade do patrimônio familiar, que seria herdado por um filho homem (WOORTMANN, 1995). Neste contexto:

enquanto aos filhos homens cabiam, por tradição, a posse e uso do lote colonial (progressivamente parcelado, em razão do número de filhos do sexo masculino), a contrapartida feminina era *la dota*. Em termos de valor agregado, no entanto, aquele representado pelo enxoval era muito menor. Em outras palavras, o casamento ampliava o potencial da força de trabalho da família do noivo na mesma proporção

em que diminuía o da família de origem da noiva (FAVARO, 2010, p. 795).

Após o casamento, as habilidades manuais perdiam espaço para os afazeres da roça, da família e dos filhos. A senhora Helga relatou que, após o casamento, ocorrido no ano de 1964, dividia seu tempo de trabalho entre a lavoura e a família:

Aí eu tinha muito serviço, eu trabalhava na lavoura com meu marido e as filhas eram pequenas [...] e aí eu tinha mais serviço (Helga Wendler Blödorn, 2016).

Em relação ao tempo destinado para a produção de panos bordados, ela relatou que era preciso fazer primeiro os trabalhos da lavoura, somados aos da casa, restando os períodos de lazer para os bordados. Ela conta que:

Esse é um dos numerosos paradoxos da imigração: ausente onde está presente e presente onde está ausente. Duplamente presente – efetivamente aqui e ficticiamente lá – e duplamente ausente – ficticiamente aqui e efetivamente lá – o imigrante teria uma vida dupla, que ultrapassa e que é diversa da oposição tradicional entre vida pública e vida íntima: uma vida presente, banal, cotidiana, vida que pesa e enreda, vida segunda, ao mesmo tempo cronológica e essencialmente secundária; uma vida ausente, figurada ou imaginada, rememorada, uma vida que foi primeira cronologicamente e que permaneceu primeira, essencial, afetiva e efetivamente, e que, sem dúvida, voltará a sê-lo um dia.

A realidade vivida pela senhora Helga, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, após o casamento, na constituição da nova família e da vida na propriedade, assemelha-se com as de muitas mulheres camponesas, tal como descritas em etnografias – como a de Heredia (1979) – que se dedicaram a evidenciar a divisão sexual e geracional do trabalho, em contextos camponeses. Vejamos o relato de Dona Helga:

Domingos de tarde, antes de meio dia eu lavava roupa, sábados de noite eu limpava casa e domingo de manhã roupa, e domingos de tarde era bordado e costura, essas coisas. Mas depois que eu casei não deu mais tempo, meu marido era músico, ele não parava em casa domingos, então quem tinha que tomar conta de tudo era eu, era animal, era lavoura, era buscar pasto, limpar o pátio, limpar a casa, tudo era para mim (Helga Wendler Blödorn, 2016).

As mulheres com quem dialogamos narraram, ainda, que os dias de chuva, considerados como dias de folga no que concerne às atividades da lavoura, eram aproveitados para as atividades de bordar e costurar. Quando fazia sol, *o bordado era feito lá na lavoura*, como já afirmado pela interlocutora. Segundo observado por Hepp (2002, p. 44), a mulher:

[A]pós a luta diária de seus afazeres, ainda encontrava forças para, voluntariamente, executar outra tarefa. Provavelmente com o objetivo de realização pessoal, transformava sacos de algodão, de açúcar ou de sal em verdadeiras obras de arte, as quais eram utilizadas na lida doméstica (HEPP, 2002, p. 44).

Muitas vezes, os panos eram bordados à luz de velas e traziam inscrições religiosas e/ou mensagens de incentivo – a exemplo de *Immer vorwärts, nie zurück* (sempre para frente, nunca para trás) –, como forma de dar ânimo ao jovem casal na nova vida em família. Esse sentido estava presente já na preparação do enxoval, antes do casamento, pois os novos objetos para a casa eram também evidências de “habilidades manuais, capricho e senso de economia. As peças revelavam não apenas as qualidades da candidata, mas – e principalmente – a estrutura moral, os valores e a situação econômica da família de origem” (FAVARO, 2011, p. 795).

É importante ressaltar que as mulheres ouvidas assinalaram a redução, após o casamento, do tempo dedicado ao bordado ou a outras práticas manuais, pois deviam concentrar-se em cuidar da casa, dos filhos e, ainda, do trabalho na lavoura. Nesse quadro, vale ter presente que:

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos (GONÇALVES, 2007, p. 15).

É nesse quadro que consideramos que os panos de parede conformam uma expressão cultural, aportando à reflexão sobre formas de organização da vida prática e cotidiana (Geertz, 2009), e afirmando orientações morais que as famílias gostariam de seguir. Desse modo, tal como a arte discutida por Geertz (2009, p. 150), os panos “materializam uma forma de viver e trazem um modelo específico de pensar para o mundo dos objetos, tornando-o visível”.

Outro aspecto interessante a ser ressaltado na presente reflexão diz respeito ao valor simbólico contido nos bordados dessas famílias campone-

sas. Para isso, vale trazer a contribuição de Ellen Woortmann e Klaas Woortmann (1997, p. 7), que, ao estudar a lógica e a simbologia da lavoura camponesa, apontam que “o significado do trabalho e o modelo de saber não são dimensões separadas, embora possam operar em registros distintos”, na medida em que “em conjunto, constituem uma forma de ver o mundo”. Nos lares pomeranos, os panos encontrados trazem dizeres exaltando trabalho e religiosidade, entre outros aspectos morais presentes na vida familiar e comunitária. É o que se pode ver na Figura 4 – *O pão nosso de cada dia nos dá hoje* – e também posteriormente na Figura 5 – *Glaube, Liebe, Hoffnung* (Fé, Amor, Esperança) – dizeres que acompanham imagens da natureza e da vida camponesa.

Figura 4: Pano de parede com borda de tecido.



Fonte: Arquivo imagético da pesquisa. Autoria: Vania Grim Thies (2016).

O pão, para este caso, é o elemento simbólico de sustento da família camponesa e também aparece no estandarte que ficará visível na decoração da casa como uma maneira de dar sentido ao cotidiano do trabalho da família. Segundo Bahia (2015, p. 289-290), em pesquisa realizada entre camponeses pomeranos do estado do Espírito Santo, “o pão é considerado uma tarefa essencialmente feminina”, sendo que a “associação entre o pão e a figura feminina carrega um significado étnico e social”. Do mesmo modo

que os saberes associados ao bordar, também aqueles relacionados à feitura do pão são repassados de geração em geração, enquanto tarefas femininas da casa: “a feitura do pão resgata um saber feminino da culinária camponesa que é passado de geração em geração” (BAHIA, 2015, p. 290). Isso posto, pensamos o pano de parede com a inscrição *O pão nosso de cada dia nos dai hoje* como um artefato cultural da vida social camponesa, como forma dela representativa, usado, na casa, como estandarte, expressando o desejo de fartura de alimento na mesa da família.¹⁴

Nas palavras de Bahia (2015), com os dados de pesquisa coletados em comunidades pomeranas do sul do Brasil e do Espírito Santo, os panos bordados “remetem à ideia do trabalho como algo que gera a comida, que não se trata de mero alimento, mas algo que traduz todo um modo de ser camponês” (BAHIA, 2015, p. 297). É nesse mesmo sentido que afirmamos que os panos de parede são objetos da cultura camponesa pomerana, sendo bordados e expostos na casa como expressão de valores de um *ethos* camponês.

Figura 5: Pano de parede com borda de tecido (Fé, amor, esperança).



Fonte: Arquivo imagético da pesquisa. Autoria: Vania Grim Thies (2016).

A inscrição no pano de parede da Imagem 5 revela o contexto religioso, também bastante presente na vida dos pomeranos, com a religiosidade luterana de diferentes segmentos: Sínodo Missouri, atualmente cha-

¹⁴ É interessante notar que Darnton (1986) situa nas casas de camponeses pobres os primórdios de histórias que, a partir do século XVII, viriam a ser conhecidas como contos de fadas, nos salões da aristocracia europeia, apontando como elemento recorrente certa obsessão pela abundância de comida, sendo o elemento da fartura evidente contraponto no universo mental dos camponeses às então comumente presentes escassez de alimentos e pobreza.

mado de Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB); Sínodo Riograndense, atualmente chamado de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), e, ainda, Igreja Evangélica Luterana Independente (IELI). Como mostra a literatura, entre os grupos camponeses alemães e pomeranos, esteve sempre presente a preocupação com a religiosidade e com a escolarização: “a instalação das escolas aconteceu simultaneamente com a edificação das Igrejas” (SALAMONI, 1996, p. 38).

Na inscrição contida neste pano de parede (Figura 5), os valores religiosos estão colocados em evidência, como maneira de orientar o trabalho na vida familiar camponesa, como que dando suporte para as dificuldades enfrentadas no cotidiano: a fé, o amor e a esperança. Para os pomeranos, essas palavras acionam o passado da imigração, e também direcionam para o mundo que querem seguir construindo, a partir da produção na lavoura e em sua propriedade, inspirados no pensamento de que seus ascendentes vieram de outro país para trabalhar e gerar uma nova vida, em novas terras. Assim, os panos apresentam e disseminam formas de pensamento que interpretamos, com Geertz (2009, p. 181), como “o sentido que as coisas têm para a vida a seu redor”.

Observando as inscrições dos bordados, é possível perceber que há a intenção de prescrever uma mensagem de valor ou de conduta ética para a família, ou seja, uma forma de estar e colocar-se no mundo pelos valores culturais e religiosos. Talvez por isso os panos ocupassem um lugar de destaque na casa, nas paredes da sala de estar e atrás do fogão, lugar de produção do alimento. A mensagem de valor é também referente ao trabalho na lavoura no mundo camponês: pensar sempre para frente (*Immer vorwärts, nie zurück*), ou seja, mesmo que seja difícil e pesado o trabalho cotidiano, é importante seguir e trabalhar para conseguir aquilo que se quer.

Por meio dos bordados inscritos nos panos de parede, é possível perceber que os objetos têm uma vida social que é constitutiva da cultura das pessoas que os produzem, usam ou guardam, mesmo quando, ao serem destinados a baús e gavetas, esses objetos sofrem um desvio (APPADURAI, 2008) da função para a qual eram originalmente destinados. Assim, os panos de parede já não são produzidos para ficar atrás do fogão, na cozinha, ou mesmo como objeto de decoração na sala ou no dia do casamento, como descrito ao longo do texto. No entanto, mesmo guardados em gavetas e baús, contam sobre a vida social dos descendentes de pomeranos, sobre seus valores morais e modos de pensar a vida na família e na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os panos, estandartes, wandschoner – ou ainda sob outras designações atribuídas a esses objetos – são artefatos materiais e simbólicos que expressam modos de ser e de se relacionar no mundo, tal como os valores morais neles bordados, ligados ao campesinato e às maneiras de compreender trabalho, família e elementos da natureza. São expressão social e cultural da vida cotidiana camponesa destes descendentes pomeranos, trazendo perspectivas que famílias, ao longo das gerações, têm almejado e construído para o futuro.

Seu uso no cotidiano da casa é evidenciado nos relatos da senhora Helga. No entanto, ao longo do século XX, e até os dias atuais, houve mudanças, em que cederam espaço a outros materiais, industrializados. No entanto, mesmo que esses panos já não estejam em uso no dia a dia das casas, como estandarte ou mostruário, permanecem guardados em gavetas, baús e roupeiros, porque alimentam valores trazidos desde a imigração. Assim, ao pensar as camadas do tempo, podemos afirmar que os panos de parede foram produzidos segundo valores morais específicos, que, apesar das transformações culturais ocorridas, seguem, na atualidade, de algum modo presentes no cotidiano dos descendentes de pomeranos. Com dizeres entrelaçados por elementos da natureza (ramos, flores, animais) e da casa, de forma a expressar o trabalho camponês, formam um conjunto de valores referentes àquilo que querem ver ativo nas famílias. Ao produzir (traçar o risco, realizar o bordado e costurar a borda) o pano, produziram também valores simbólicos do trabalho com a terra, representado com o alimento e com a fartura, indicando, assim, o fortalecimento da identidade étnica do grupo analisado.

Por fim, cabe ainda destacar a importância da narrativa das mulheres pomeranas, uma das possibilidades de interlocução da pesquisa, pessoas a quem os trabalhos manuais são majoritariamente destinados. As mulheres, trabalhadoras camponesas, dividem seu tempo entre a família e a produção da comida, a manutenção da casa e de seu entorno, a lida com os animais, os cultivos, entre outras tarefas, sendo que, muitas vezes, sua voz é pouco escutada. Essas mulheres camponesas pomeranas – cabe reconhecer – são as guardiãs dos valores culturais e sociais da identidade étnica, no contexto em que vivem, seja nos saberes transmitidos oralmente, seja pelos artefatos materiais repassados entre as gerações, como no caso dos panos de parede.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Joana. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Religião e consumo na imigração alemã. In: MENASCHE, Renata (Org.). *Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015, p. 285-303.
- BRASIL. Decreto nº 6.040. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 20 out. 2023.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. *Anais*. IV Seminário Internacional em Memória e Patrimônio: memória, patrimônio e tradição. Pelotas: Ed. UFPel, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHARÃO MARQUES, Flávia; MENASCHE, Renata; TONEZER, Cristiane; GENESSINI, Alex. Circulação de alimentos: dádiva, sociabilidade e identidade. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007, p. 154-176.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Porto Alegre: Graal, 1986.
- FAVARO, Cleci Eulalia. Penélopes do século XX: a cultura popular revisitada. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, vol. 17, n. 3, p. 791-808, 2010.
- FAVARO, Cleci Eulalia. Os lenços de namorados: tradição, cultura popular e afetividade. *Fronteiras: Revista de História*, Universidade Federal da Grande Dourados, vol. 13, n. 24, p. 151-168, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad. Vera Mello Joscelyne. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias Antropológicas e objetos materiais. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro, 2007, p. 13-42.
- GONÇALVES, Milena Santos; SELL, Léia Beatriz. Wandschoner: artefatos da cultura escrita dos pomeranos (século XX). 27º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, ASPHE. *Anais*. Caxias do Sul: UCS, 2021.
- HEPP, Vera Enilda Pautz. *Imigração alemã e as transformações culturais: o exemplo da Colônia Passo do Santana – Cerrito – RS*. Monografia (Li-

- cenciatura em Geografia) – ICH, Universidade Federal de Pelotas, 2002.
- HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p. 261-273, 2006.
- HEREDIA, Beatriz. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KRONE, Evander Eloi. *Comida, memória e patrimônio cultural: a construção na pomeranidade no extremo sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, 2014.
- MENASCHE, Renata. *Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2015.
- MORELLO, Elisângela; SILVEIRA, Mariela (Orgs.). *Inventário da língua pomerana: língua brasileira de imigração*. Florianópolis: Editora Garapuvu: IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, 2022.
- PAULA, Sablina Clasen de; MENASCHE, Renata. Panos de parede: transformações no saber fazer da cultura pomerana. XXIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas. *Anais [...]*. Pelotas: SIEPE, 2014.
- ROCKENBACH, Sílvio Aloysio; FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Imigração alemã: 180 anos – história e cultura*. Porto Alegre: CORAG, 2009.
- RODRIGUES, Ana Flávia. *A narrativa de Thomas Davatz: relato de memória e documento histórico, sentimentos e ressentimentos na História (1850-1888)*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- SALAMONI, Giancarla (Org.). *Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e Rio Grande do Sul*. Pelotas: UFPEL, 1996.
- SALAMONI, Giancarla; WASKIEVICZ, Carmen Aparecida. Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza. *Tessituras*, Pelotas, vol. 1, n. 1, p. 73-100, 2013.
- SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 7, n. 18, p. 78-95, 1992.
- THIES, Vania Grim; FONSECA, Larissa; MENASCHE, Renata. Panos de Parede: Objetos da Cultura Pomerana. *Ensaio fotográfico*. Saberes e Sabores da Colônia, 2016. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/saberesesaboresdacolonia/sobre/ensaios-fotograficos/>>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- THUM, Carmo. *Educação, História e Memória: silêncio e reinvenções pomerana-*

- nas na Serra dos Tapes. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.
- TRESSMANN, Ismael. *Arte icnográfica pomerana: tema do Pomerisch Kale-ner* 2012. Santa Maria de Jetibá. Espírito Santo: Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá, 2012.
- WEIDUSCHADT, Patrícia. *A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas – RS (1931-1966)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.
- WEIDUSCHADT, Patrícia; TAMBARA, Elomar. Cultura escolar através da memória dos pomeranos na cidade de Pelotas, RS (1920-1930). *Cadernos de História da Educação*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 2, p. 687-704, 2014.
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e si-tiantes do Nordeste*. Brasília: UnB, 1995.
- WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klass. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UnB, 1997.
- WOORTMANN, Klaas. Com parente não se *neguceia*: o campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico*, Brasília, n. 87, p. 11-73, 1990.

Recebido em: 08/12/2023

Aceito em: 09/04/2024